
Segmento: PUCRS

05/05/2018 | Correio do Povo | Caderno de Sábado | 2

Amanhã vai ser outro dia: 50 anos depois do Maio de 68

Luana Chinazzo, Mestranda em Comunicação Social pela PUCRS

Muito se fala do maio francês, sabe-se das primaveras que eclodiram em muitos países no ano de 1968, mas é para Paris que o imaginário daquele ano é direcionado. Quando se evoca a memória sobre o fim da década de 60, é das barricadas no Quartier Latin e dos slogans na língua francesa que lembramos. Pouco se pensa no que acontecia no Brasil naquela época. Talvez pelo encanto que o “de fora” nos causa ou porque é mais fácil olhar para fora do que para dentro. Mas há uma outra opção: porque, ao contrário do que ocorreu em território francófono, os anseios e contestações que os jovens brasileiros levaram às ruas tiveram que esperar décadas para serem retomados.

No mundo, o Maio de 1968 foi, sobretudo, uma revolução cultural. Antiautoritária. Questionou-se toda e qualquer forma de autoridade, nas escolas e universidades, na política e nos lares. Foram dias de rupturas, de inflexão, de efervescência. Foi tempo de questionar processos sociais, mexer em temas profundos, tentando arrancar as raízes do conservadorismo. Muitos dos temas seguem em pauta ainda hoje, como o feminismo e o racismo, outros foram tão assimilados, que tende a parecer que foi sempre assim, por exemplo, a libertação sexual.

Mas, o movimento do qual quero falar, embora carregue essas características, apresenta suas especificidades. No Brasil, 68 foi protagonizado por jovens que viam os valores se modernizarem ao redor do mundo, enquanto, no país, assistiam ao progressivo fechamento político. O nosso Maio de 68 durou meses, começou antes, já em março, com a morte do estudante Edson Luís, assassinado por policiais militares em confronto com os estudantes em um restaurante universitário no Rio de Janeiro, e foi brutalmente tolhido com o Ato Institucional N° 5 (AI5), em dezembro do mesmo ano.

Viveu-se um conflito de gerações, como no restante do globo, mas respirou-se política. Para os estudantes, todo espaço era arena de debate e todo o assunto era questão de luta. Ser politizado era ser antiautoritário, denunciar permanentemente o governo e o imperialismo, se mobilizar incessantemente. Em um mundo polarizado pela Guerra Fria, também a esquerda se dividia, era-se uma coisa ou outra, e ficava-se marcado por suas posições. Mas uma coisa tinham em comum: pediam o fim da ditadura.

Com o aperto da repressão policial e o cerceamento, cada vez maior, de ações e ideias, as vidas dos jovens eram atropeladas pela política nacional, e as manifestações no Brasil eram um reflexo dessa realidade. Os acontecimentos políticos e a violência da Polícia levaram o país a se mobilizar como poucas outras vezes em sua história. Em junho, milhares de pessoas se uniram no Rio de Janeiro, no que ficou conhecida como Marcha dos Cem Mil. A resposta dos militares foi um novo decreto, que fechou o Congresso Nacional, suspendeu o habeas corpus em crimes políticos, implantou a censura prévia, cassou direitos políticos e cargos públicos. O AI-5 pegou a maioria de surpresa, em vigência por 10 anos, acabou com o sonho de revolução de muitos jovens e obrigou outros a entrar para a clandestinidade, lutando como subversivos pelo que acreditavam.

Como professou a canção de Chico Buarque, “Apesar de Você”, um dos hinos pós-68, houve um outro dia. A abertura política, na década de 80, alcançada por meio da pressão popular sobre um regime já desgastado, colocou novamente em pauta as demandas sociais, a despeito do período de chumbo, o germe da mudança comportamental que ganhou o mundo estava entre os brasileiros. Voltamos à rua, lutamos pelas eleições diretas, conseguimos. Com sede de viver tudo que a ditadura não permitiu, fizemos dos anos 90 uma explosão de sexualidade, sem censura, assistimos a tudo pela televisão. Nos anos 2000, parecia que a utopia dos jovens finalmente se realizaria, o Brasil elegeu um governo de esquerda, um sindicalista que fora perseguido e preso pelos militares. Tivemos momentos de glória, outros de decepção.

Este mês, comemoramos 50 anos do Maio de 68, vivendo em uma nova cultura, com novos tipos de relações e hierarquias pouco

delimitadas. Muitas das reivindicações daquele ano foram incorporadas na sociedade, outras ainda estão em debate. Cinco décadas depois, vivemos também um novo fenômeno, vemos o retorno de questões que achávamos superadas. Na França, os estudantes ocupam as universidades tentando impedir o retrocesso, quando uma nova lei pretende filtrar os alunos, limitando o acesso ao ensino superior, o que até então era direito garantido a toda população. No Brasil, iniciamos o ano com uma nova intervenção militar, que, em três meses no Rio de Janeiro, já levantou muitas questões e pouco resolveu o problema da violência. Certamente, haverá um outro amanhã, mas me pergunto se serão novos dias.

05/05/2018 | Diário Gaúcho | A Vida da Gente | 6

Saiba como fazer a melhor negociação

Se você pensa em realizar o sonho da casa própria, junte a documentação básica (comprovantes de renda, de endereço, extrato do FGTS), escolha um calçado confortável e vá sem pressa, neste final de semana, ao Centro de Eventos da PUCRS (Avenida Ipiranga, 6.681, Prédio 41). No local, ocorre o Feirão Caixa da Casa Própria 2018, que começou nesta sexta-feira e vai até domingo. O evento ocorre em todo o país, cerca de duas semanas depois de o banco ter anunciado a queda de juros e a ampliação do limite de financiamento para imóveis usados. - Juntamos no mesmo lugar todos os atores que fazem o financiamento acontecer. São corretores, construtoras, imobiliárias e os empregados da Caixa para ajudar os visitantes.

Há poucos dias, a Caixa reduziu as taxas de juros, isso é mais acessibilidade para a população ter a casa própria - explicou o vice-presidente de Clientes e Negócios da Caixa, Henrique Cruz. De acordo com a Caixa, a maior parte dos 9 mil imóveis disponíveis, entre novos (6,9 mil) e usados (2,8 mil) custa entre R\$128 mil e R\$ 215 mil, dentro da faixa do programa Minha Casa Minha Vida. São imóveis na faixa popular de empreendimentos, a maioria na Região Metropolitana. Mas fazer a simulação e saber quanto se pode financiar é só o começo. Muitas famílias chegam confiantes ao balcão da imobiliária para encaminhar o financiamento e esbarram em um obstáculo: o nome negativado por causa de uma dívida não paga. E não precisa ser de grande valor. - E frustrante: a família confiante, achando que está perto de fechar o negócio. Aí, perguntamos se tem alguma restrição de crédito.

O interessado responde certo que não. Colocamos o CPF dele no sistema e pronto, está negativado por uma conta de telefone não paga. Não tem o que fazer, a Caixa não aceita - conta o diretor da Pop Comercialização de Imóveis, Eduardo Guimarães, um dos expositores do Feirão. Abrindo O jogo. Estar com o nome limpo da praça não é o único critério levado em conta. Quem for fechar negócio precisará abrir o jogo sobre a vida financeira: revelar quanto paga de aluguel, se tem outras dívidas ou outras fontes de renda. Porque, nos estantes das construtoras e imobiliárias, se fará uma análise profunda para saber se aquela família pode, entrar em um financiamento longo, de até 35 anos. Esconder dívidas é um tiro no pé. - Os imóveis novos estão na planta, em construção, podendo levar de 12 a 24 meses para serem concluídos.

Trinta dias depois de assinar o contrato com a Caixa, a pessoa começa a pagar um percentual da parcela por mês. Quem paga aluguel pode ter dificuldade de arcar com mais esse valor mensal ainda antes de se mudar para o novo endereço - alerta o corretor de imóveis Murialdo Crescencio, especializado no Minha Casa Minha Vida.

Roteiro para o bom negócio

(Ver imagem)

05/05/2018 | Folha de Caxias | Geral | 6

Recordações da infância

Em seu quinto livro, Maristela Deves busca inspiração em sua cidade natal

O Sumiço das Bergamotas, quinta obra da escritora Maristela Deves, tem lançamento programado para este sábado (5), das 10h às 13h, no Do Arco da Velha Livraria e Café (Rua Dr. Montauray, nº 1570, em frente ao Colégio São José). A obra infanto-juvenil do gênero mistério-aventura é inspirada na memória afetiva da autora, com imagens, sabores e cheiros da infância, característica

comum aos seus trabalhos. O cenário é inspirado na sua cidade natal, Pirapó, e a história no resgate da infância, dos passeios no interior das cidades, na liberdade do brincar e do aventurar. O preço de capa é de R\$ 25.

O livro traz a história de Rafael e André que não conseguem acreditar que todas as bergamotas do pomar da tia Ana sumiram! Nos dias seguintes, eles descobrem que o ladrão de frutas atacou também nas propriedades vizinhas. Com a ajuda dos amigos Saulo, Leandro e Alisson, os dois irmãos resolvem investigar o mistério. A pergunta é: "Quem estaria por trás do sumiço das bergamotas?".

Maristela Scheuer Deves é jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria, com especialização em Leitura e Produção Textual pela Universidade de Caxias do Sul e atualmente cursa graduação em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica. Seu primeiro livro, *A culpa é dos teus pais*, foi lançado em 2010.

05/05/2018 | **Jornal da Manhã** | Geral | 5

Dólar alto eleva preços de gasolina e alimentos

Caminhos do Desenvolvimento

A alta do dólar deve provocar aumento de preços de combustíveis, alimentos e eletroeletrônico, e economistas já prevêem impacto de até 0,5 ponto percentual no resultado fechado do ano da inflação, cujas previsões hoje giram em torno dos 3%.

Isso se a cotação da moeda americana se mantiver no patamar atual, na casa dos R\$ 3,50 - valorização de quase 11% em relação ao início do ano ou mais R\$ 0,30.

"É claro que, apesar da demanda fraca, se o dólar se consolidar num patamar mais alto - os R\$ 3.50 ou pior - em função do cenário externo e da incerteza política,

tivermos novas desvalorizações - as projeções para o IPCA tendem a subir, pelo menos bem mais do que as projeções indicavam antes_ Ou seja, o tal do 'novo' normal de IPCA de 3% infelizmente já era", avalia Luiz Roberto Cunha, economista da PUC.

Segundo os economistas, o impacto mais imediato deve ocorrer no preço da gasolina já que a Petrobras revisa diariamente os valores cobrados nas refinarias, considerando, entre outras variáveis, o câmbio e o preço do barril de petróleo no mercado internacional, que também tende a crescer com a valorização da moeda americana.

Os preços do milho e da soja, cotados no mercado externo, em dólar, também devem sofrer reajustes e impactar seus derivados, como pães, biscoitos, macarrão, óleo e ração animal. Produtos que têm componentes importados em sua fabricação, como eletroeletrônicos, também podem sofrer aumento de preços_ À exceção da gasolina, os demais preços só devem aumentar no segundo semestre, porque ainda estão sendo escoados produtos sob a vigência do câmbio mais baixo do primeiro trimestre_

Segundo os economistas, a pressão inflacionária só não será maior porque o IPCA acumulado em 12 meses está_ muito abaixo da meta. atualmente, em 2,68%, ou seja, tem uma boa folga em relação à meta de 4,3% do BC, e a atividade caminha a passos lentos, assim como o consumo das famílias, freando repasses maiores aos preços que chegam aos consumidores.

05/05/2018 | **Jornal VS** | Em Dia | 19

Feirão oferece mais de 9 mil imóveis

Porto Alegre- A Caixa Econômica Federal abriu ontem seu Feirão da Casa Própria em Porto Alegre, Salvador e São Paulo. Na capital gaúcha, o evento ocorre no Centro de Eventos da PUC, com mais de 70 parceiros. São 30 construtoras e cerca de 10 correspondentes imobiliários, além de 34 imobiliárias, que ocuparão os estandes do evento para oferecer mais de 6,9 mil imóveis novos e 2,8 mil imóveis usados, totalizando mais de 9 mil imóveis em oferta. Além de aquecer o mercado imobiliário, o Feirão integra a estratégia do banco de proporcionar as melhores condições para a compra da casa própria. Em um mesmo espaço, o visitante pode encontrar um imóvel, simular o valor da prestação e assinar o contrato de financiamento.

05/05/2018 | **Zero Hora** | Túlio Milman | 3

Big data

O vice-presidente da gigante HP, Doug Warner, desembarca em Porto Alegre na terça-feira. Vem para falar sobre o futuro da

tecnologia e como isso afetará as profissões.

O executivo tem ampla experiência em desenvolvimento de startups e grandes empresas.

O evento é gratuito e aberto ao público. A palestra é em inglês, sem tradução. As inscrições podem ser feitas em bit.ly/hptecnopuc

05/05/2018 | Zero Hora | Vida | 8

Como surge a celulite

(Ver imagem)

Fontes: Lia Pinheiro Dantas, dermatologista da Sociedade Brasileira de Dermatologia e preceptora do ambulatório de Dermatologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e Taciana Dal'Forno Dini, dermatologista coordenadora da Comiastria da Residência de Dermatologia da PUCRS e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia Regional do Rio Grande do Sul.

05/05/2018 | Zero Hora | Em dia | 23

Mulheres ganhando menos: uma questão de conta?

Ely José de Mattos

Economista e professor da Escola de Negócios da PUCRS

ely.mattos@pucrs.br

Existe discriminação salarial por gênero. Uma montanha de trabalhos acadêmicos já demonstrou isso. Quando se comparam os salários de homens e mulheres que exercem exatamente a mesma função, e leva-se em consideração o máximo possível de características particulares de cada um, ainda assim permanece uma diferença - que é, então, atribuída à discriminação.

Mas existe um argumento de que as empresas tenderiam a não discriminar as mulheres porque operam racionalmente, almejando sempre os melhores resultados, portanto, premiando a meritocracia. Isso significa que não faria sentido pagar menos para a mulher se ela é tão produtiva quanto o homem, e contribuirá tanto quanto ele com o resultado final da empresa. Dito de outra forma, discriminar seria atentar contra o próprio patrimônio, pois se perderia potencial produtivo por desestímulo, ou seja, um comportamento irracional.

Os dados reais, no entanto, apontam que a discriminação acontece. Poderíamos atribuir isso, forçando o argumento, à lógica crua de que a empresa estaria precificando apenas as diferenças de produtividade entre homens e mulheres, mas não atuando com qualquer preconceito. Só que este argumento economicista não resiste a um olhar mais elaborado. A revista Exame publicou, nesta semana, uma reportagem discutindo as dificuldades que as mulheres têm em negociar seus salários, em comparação com os homens. Resultados de estudo ali apresentado indicam que o homem é, em média, três vezes mais bem-sucedido em negociações salariais do que a mulher.

Acontece que a essência da discriminação salarial por gênero, aquilo que é seu elemento fundador, não está nas empresas. Elas são, isto sim, a instância onde ela se materializa, se monetiza. Mas a discriminação está arraigada na nossa sociedade, construída sobre estruturas patriarcais que resistem aos anos e sobre as quais se constroem as relações de mercado. Isso vai desde o tempo dedicado à casa e aos filhos, de um lado, até a ideia arcaica do "homem provedor", do outro.

Concluir que negociações salariais são definidas por gênero é o atestado de que, em muitos casos, não se trata de produtividade, mas daquilo que se traz da rua para dentro da empresa. Discriminação salarial é expressão de uma série de coisas, dentre elas, uma perspectiva machista de sociedade.

05/05/2018 | Zero Hora | Artigo | 33

Habitação popular

Enquanto o Brasil ainda lamenta o incêndio que atingiu desabrigados que invadiram um prédio em São Paulo, perguntamos para dois especialistas: como resolver o déficit de moradias populares no país? A professora Betânia Alfonsin diz que as pessoas não ocupam áreas de risco por má-fé e bastaria que os municípios cumprissem seu papel e monitorassem o cumprimento na função social das propriedades urbanas. Para o empresário Ricardo Antunes Sessegolo, um programa que contemple todos os aspectos para a recuperação de prédios obsoletos seria uma das soluções para criar um novo lar para essas famílias.

MORADIA DE INTERESSE SOCIAL

Betânia Alfonsin

Professora da FMP, da PUC e diretora do Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico

betania@via-rs.net

O incêndio de um prédio ocupado no centro de São Paulo colocou na pauta a questão das necessidades habitacionais da população de baixa renda. Trata-se de uma tragédia anunciada: o problema acompanha o Brasil desde fins do século 19, quando o país aboliu a escravatura sem dizer qualquer palavra sobre em que local a população descendente dos escravos iria morar. São contemporâneas à abolição da escravatura, portanto, as primeiras favelas brasileiras. Juntando restos de materiais na rua, ex-escravos passaram a construir moradias precárias, em áreas desprovidas de habitabilidade e sob as quais tinham mera posse.

Em 2018, mais de 85% dos brasileiros vivem em cidades, mas o problema da moradia de interesse social só se agravou. Milhões de famílias vivem de maneira "irregular", sem segurança da posse, sem acesso à infraestrutura, aos serviços públicos e convivendo com ameaças de despejo. É de se destacar que as pessoas não ocupam áreas de risco, ambientalmente frágeis ou prédios em ruínas por opção ou má-fé: o fazem em estado de necessidade, já que nem o mercado imobiliário nem o poder público oferecem alternativas de acesso regular a terra com preços compatíveis com a baixa renda das famílias.

A Constituição Federal contemplou o direito à moradia como um direito social e estabeleceu ser competência comum da União, dos Estados e dos municípios "promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico". É evidente a omissão do Estado em atender a tal comando legal, já que nenhum dos entes da federação desenvolve políticas adequadas para solucionar o problema. A ocupação de prédios abandonados por famílias sem teto é resultado desse indesculpável descaso. Culpabilizar as vítimas do não atendimento de um direito fundamental pela própria tragédia é desconhecer que as competências são irrenunciáveis e, portanto, geram responsabilidades.

Nesta conjuntura de emergência social urbana, é preciso retomar as políticas de regularização fundiária de áreas ocupadas para fins de moradia. Tal política deve envolver titulação, urbanização e garantia de participação popular. Ainda, é necessário desenvolver programas para prevenir a produção irregular de cidades através da oferta de lotes urbanizados e com preços compatíveis com a baixa renda. Finalmente, é preciso lembrar que, em 2015, a Fundação João Pinheiro (MG) estimou o déficit habitacional brasileiro em 6,355 milhões de domicílios, ao passo que a PNAD (IBGE) localizou 7,906 milhões de imóveis vagos no Brasil, 80,3% em áreas urbanas. O contraste do déficit habitacional versus domicílios vagos demonstra que bastaria que os municípios brasileiros cumprissem seu papel e monitorassem o cumprimento da função social das propriedades urbanas, combatendo a retenção especulativa, para que um número maior de imóveis estivesse disponível para fins de moradia nas grandes cidades.

REQUALIFICAÇÃO DE CENTROS URBANOS

Ricardo Antunes Sessegolo

Vice-Presidente da Fiergs e CBIC

Foi lançado na última quinta-feira, pela prefeitura de Porto Alegre, plano para superação dos moradores de rua de nossa capital. Constatam-se, na maioria de nossas avenidas, famílias inteiras alojadas vivendo de forma extremamente precária, demonstrando uma lamentável desatenção e omissão de toda a sociedade porto-alegrense.

Uma forma de atender a boa parte da necessidade de moradia dessa população passa pela reabilitação de espaços urbanos e de edifícios subutilizados. Essa requalificação, denominada de retrofit, é uma tendência mundial que traz inúmeros benefícios econômicos, ambientais e sociais para as cidades e seus habitantes. Temos exemplos de projetos de requalificação em diversas capitais do país, onde foram reabilitados prédios de antigos escritórios e transformados em dignas residências com participação do poder público de todas as esferas, utilizando linhas especiais de financiamento da Caixa Econômica Federal e do FGTS. Esses inúmeros casos de reabilitação urbana e requalificação de edifícios já realizados em outros locais vieram sempre apoiados por políticas públicas e incentivos tributários, para que sejam viabilizados

De uma forma geral, todos os projetos de retrofit de edifícios obsoletos e subutilizados de centros urbanos têm em comum as dificuldades para a sua execução. Há dificuldades jurídicas, cartoriais, barreiras técnicas, de legislação municipal, estadual e federal e em diversas instituições e concessionárias de serviços públicos, principalmente dos bombeiros, para que esses antigos prédios construídos há muitos anos passem a atender à legislação de proteção contra incêndio hoje vigente em nosso Estado.

São iniciativas do setor da construção, em parceria com o poder público, que disseminam qualidade de vida no entorno das unidades reabilitadas e com novo uso. A revitalização das áreas centrais diminui a necessidade de transporte público, inibe ocupações e comércios irregulares e afasta a criminalidade.

Um programa que contemple todos os aspectos para a recuperação de prédios obsoletos, abandonados, totalmente depreciados, públicos ou privados, seria uma das soluções para criar um novo lar para essas famílias, de forma ordeira, evitando invasões de forma desordenada de prédios que não apresentem as mínimas condições de habitabilidade, razão principal do lamentável incêndio do último dia 1º de maio de São Paulo, que ceifou vidas inocentes.

Segmento: Outras Universidades

05/05/2018 | Jornal do Povo | Opinião | 3

Semana da Psicologia em junho

O curso de Psicologia da Ulbra/Cachoeira promoverá nos dias 5, 6 e 7 de junho a Semana Acadêmica 2018, que terá como tema a "Psicologia positiva". O evento será em parceria com o Núcleo de Psicologia Positiva (NPP). Os palestrantes serão Rafael Ruschel, psicólogo clínico especializado pela Universidade da Pensilvânia, e Leonardo Silva, mestre em Psicologia da Saúde pela Bath University, do Reino Unido, e doutor em Psicologia Clínica. Contatos pelo e-mail ulbralaip@gmail.com. Confira os valores das inscrições, válidos até o próximo dia 20:

- * Acadêmicos: R\$ 30,00
- * Egressos: R\$ 50,00
- * Profissionais: R\$ 70,00